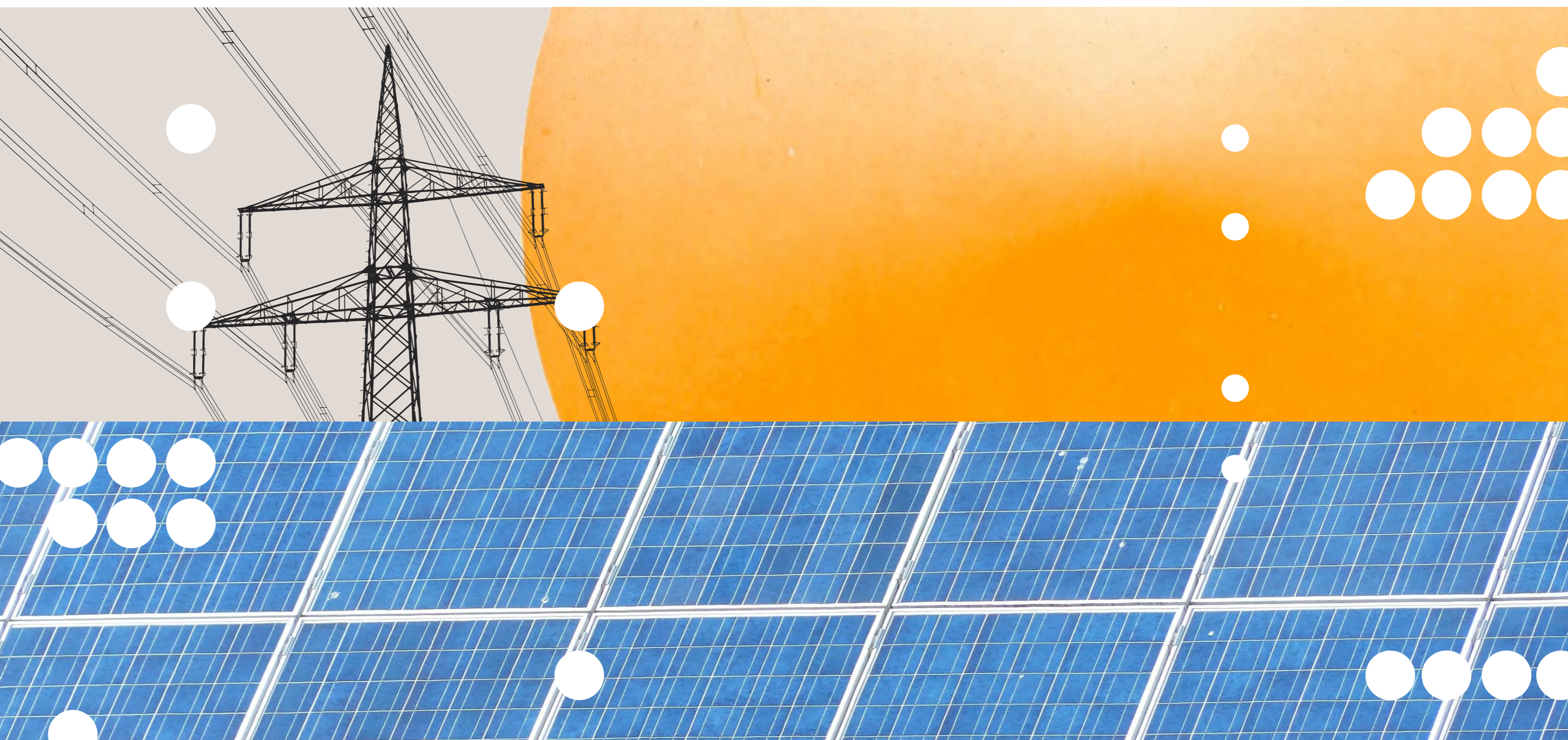


RATING ESG: o socioambiental vem primeiro



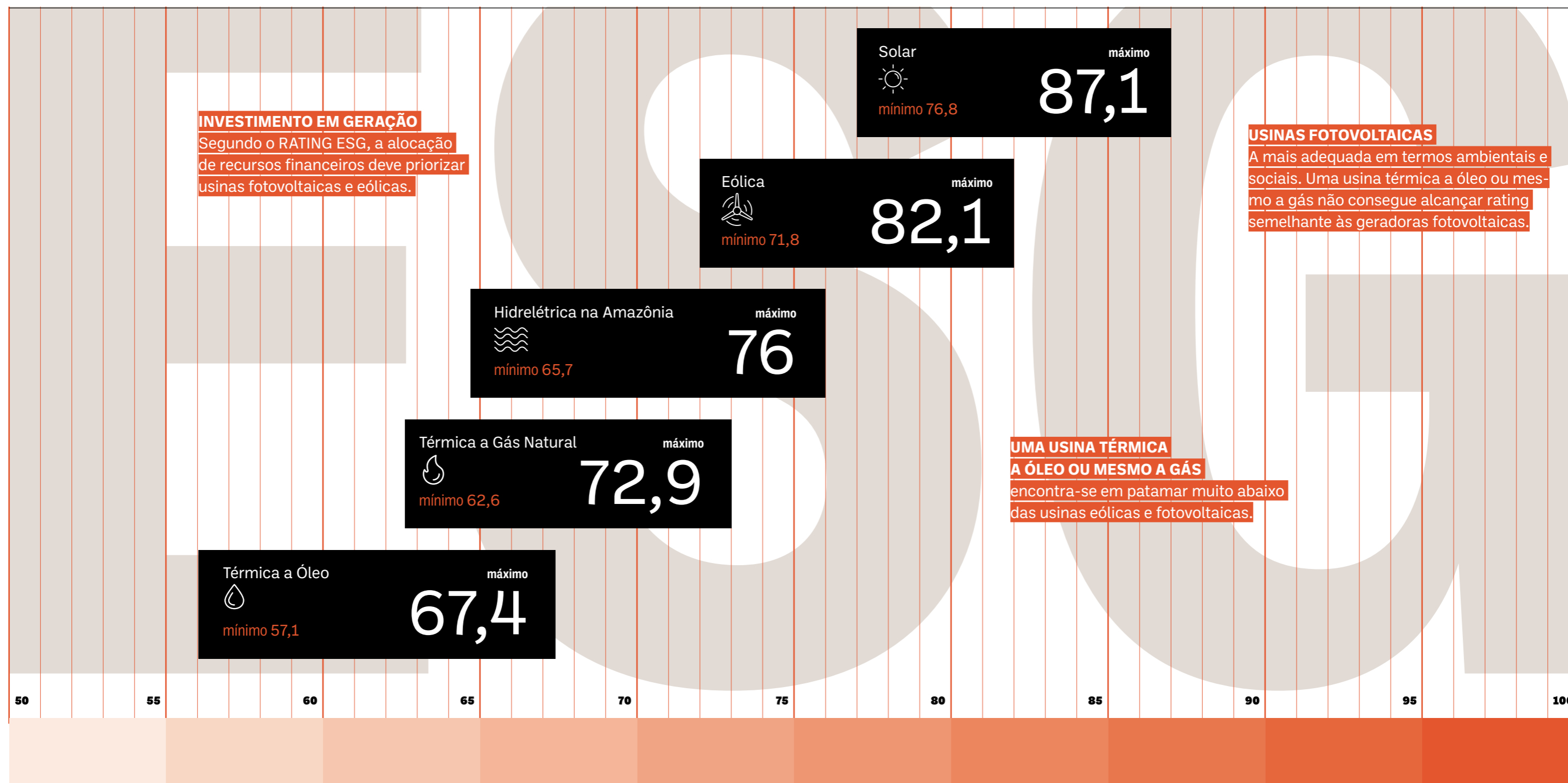
Índice

RATING ESG:
o socioambiental
vem primeiro

9	PRINCIPAIS RESULTADOS	
11	ESTE NÃO É APENAS MAIS UM RATING	O setor elétrico como exemplo 13
15	METODOLOGIA	Como foi construído o RATING ESG 16 O RATING ESG na prática 17
19	OS VALORES DE ESG	
27	QUE NÚMEROS E RESULTADOS MAIS IMPORTAM?	

1. Principais resultados

O infográfico mostra as faixas de valores do RATING ESG para cada subsetor do setor elétrico



60 nível de performance regular

nível de performance muito boa 80

2. Este não é apenas mais um rating



AMBIENTAL, SOCIAL E GOVERNANÇA

1

A sigla ESG (Environmental, Social and Governance ou Ambiental, Social e Governança, traduzida para o Português) foi usada pela primeira vez no relatório “Who Cares Wins”, em 2004, em iniciativa liderada pela ONU para promover o desenvolvimento sustentável.

Hoje, incorporada ao vocabulário das corporações, chama a atenção para a necessidade de avaliar e adequar os empreendimentos à demanda de consumidores, clientes, financiadores e instituições públicas e multilaterais, no que se refere aos impactos ambientais e sociais.

Ratings são classificações – ou notas – conferidas por agências especializadas ou instituições financeiras para orientar a concessão de créditos ou a escolha de investimentos. Eles apontam o grau de risco e garantia de retorno do capital investido.

Atualmente, as iniciativas na esfera econômica e de negócios cobram também metodologias mais precisas para medir e informar os riscos dos empreendimentos segundo os chamados critérios ESG – ou seja, metodologias capazes de atestar a confiabilidade de uma empresa nos quesitos Meio Ambiente, Social e Governança¹.

Mas enquanto os indicadores de governança foram, há tempos, incorporados nessa avaliação por parte de financiadores e doadores de capital, a exigência de uma transição justa e inclusiva para uma economia de baixo carbono demanda que as questões sociais e ambientais ganhem relevância especial neste contexto. E rapidamente.

Por isso, após publicar uma matriz de riscos ambientais – também voltada para instituições financeiras – e o estudo *Como incorporar o meio-ambiente na matemática dos negócios*, o Instituto Escolhas vem oferecer uma ferramenta inovadora para que bancos e fundos de investimentos possam, definitivamente, decidir seus investimentos levando em consideração os aspectos ambientais e sociais.

Mais abrangente e preciso, o RATING ESG dá ênfase inédita a esses aspectos, fazendo com que recebam o devido peso na alocação de recursos pelas instituições financeiras. A ferramenta também facilita a diferenciação entre iniciativas realmente comprometidas com os desejáveis critérios ESG e aquelas que apenas adotam procedimentos superficiais – o já famoso *greenwashing*.

Sigla ESG foi usada pela 1ª vez em

2004



I. O setor elétrico como exemplo

A metodologia do RATING ESG permite adaptações para ampliar o escopo da análise para empreendimentos em outros setores de infraestrutura. Para isso, explicitou-se o peso atribuído a cada indicador, de modo a evidenciar sua influência na avaliação geral.

A concepção do RATING ESG usou como referência dados de empreendimentos de geração de energia elétrica: usinas eólicas, fotovoltaicas, hidroelétricas, termelétricas a gás natural e termelétricas a óleo combustível. O objetivo, mais que obter valores absolutos, foi testar a sensibilidade do rating às variáveis escolhidas, verificando como os impactos identificados podem se refletir no desempenho, e vice-versa.

Os resultados mostram claramente os empreendimentos de energia eólica e fotovoltaica como mais qualificados para receber recursos financeiros compatíveis com a agenda ESG. Os indicadores usados na avaliação detalham, também, as desvantagens do investimento na geração termelétrica a óleo ou a gás.

Vale lembrar que nos encontramos, agora mesmo, no contexto do Plano Decenal de Expansão de Energia 2031. Elaborado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), o documento prevê investimentos significativos para sustentar o crescimento previsto para o consumo de eletricidade, que é da ordem de 40% entre 2021 e 2031.

O Escolhas vê neste RATING ESG, ainda, uma forma de superar o desafio de estabelecer métricas e critérios padronizados para reportar impactos socioambientais na análise dos projetos candidatos a apoio financeiro.


Assim, a sociedade e o mercado têm nesta proposta um instrumento para decisões estratégicas de alocação de capital que atendam às justas expectativas de responsabilidade social corporativa neste século XXI.

O RATING ESG, AO PERMITIR O CÁLCULO E A APLICAÇÃO DE NOTAS DETALHADAS A NEGÓCIOS CONCRETOS, DÁ AOS BANCOS, CLIENTES E INVESTIDORES:

- A.** **Capacidade prática** de fazer cumprir as exigências do Banco Central em relação aos riscos ambientais, sociais e climáticos no momento de decidir sobre alocação de capital em empreendimentos do setor elétrico.
- B.** **Possibilidade de** utilizar métricas claras e precisas para priorizar recursos em projetos com mais elevado cuidado socioambiental e impactos positivos à sociedade.
- C.** **Uma evidência** do grave risco de “sujar” a matriz elétrica brasileira, caso sejam alocados recursos em usinas termelétricas fósseis, como aquelas com contratação prevista pela lei de privatização da Eletrobras.

Crescimento previsto para o consumo de eletricidade entre 2021 e 2031

40%

 **Resultados mostram os empreendimentos de energia eólica e fotovoltaica como mais qualificados para receber recursos**

3. Metodologia

Os indicadores foram selecionados de acordo com seis critérios — generalidade, relevância, materialidade, mensurabilidade, disponibilidade e impossibilidade de correlação com outro indicador já selecionado — e subdividem-se em:

S E T O R I A I S

vinculados diretamente a características do setor, como uso de água e emissão de gases de efeito estufa.

O R G A N I Z A C I O N A I S

relacionados à cultura e capacidade de gestão e resposta de cada empresa.



O RATING ESG soma os resultados de 57 indicadores distintos, convertidos em valores de 0 a 100.

I. O RATING ESG na prática

Para exemplificar a aplicabilidade do RATING ESG, foram feitas simulações para quatro subsetores do setor de geração de energia (ver ao lado). Foram analisados empreendimentos reais, que já estão em operação, embora o RATING ESG possa e deva analisar, também, novos empreendimentos.

Foram atribuídos aos empreendimentos os mesmos indicadores organizacionais – relativos à GOVERNANÇA da empresa – em duas simulações: uma com esses indicadores equivalentes a 60 (qualidade regular), e outra a 80 (excelência).²

Já no caso das dimensões meio ambiente e social, foram utilizados os parâmetros reais dos projetos avaliados para obter alguns indicadores. Por exemplo, aqueles que medem as emissões de gases de efeito estufa, o uso de água, a perda de cobertura vegetal, entre outros para os quais se tem dados específicos de cada tipo de usina, seja na literatura específica ou por meio de modelos econômico-financeiros desenvolvidos pelos autores do estudo.

Para outros indicadores, foram criados cenários com notas equivalentes a 60 (qualidade regular), 80 (excelência), ou ainda, em alguns casos, 70 (qualidade média), aplicadas igualmente a todos os casos analisados para evitar distorções. O mesmo foi feito para indicadores cujas notas devem ser 100 ou zero, como é o caso, por exemplo, daqueles que avaliam a interferência em Terras Indígenas ou Quilombolas ou a existência de conflitos.

Os parâmetros estão detalhados no relatório técnico do estudo, [disponível aqui](#).

² Apenas para o indicador Modelo de Negócio usou-se indicador distinto da conhecida publicação canadense *Corporate Knights*, por se relacionar à sustentabilidade dos produtos vendidos.

APLICAÇÃO

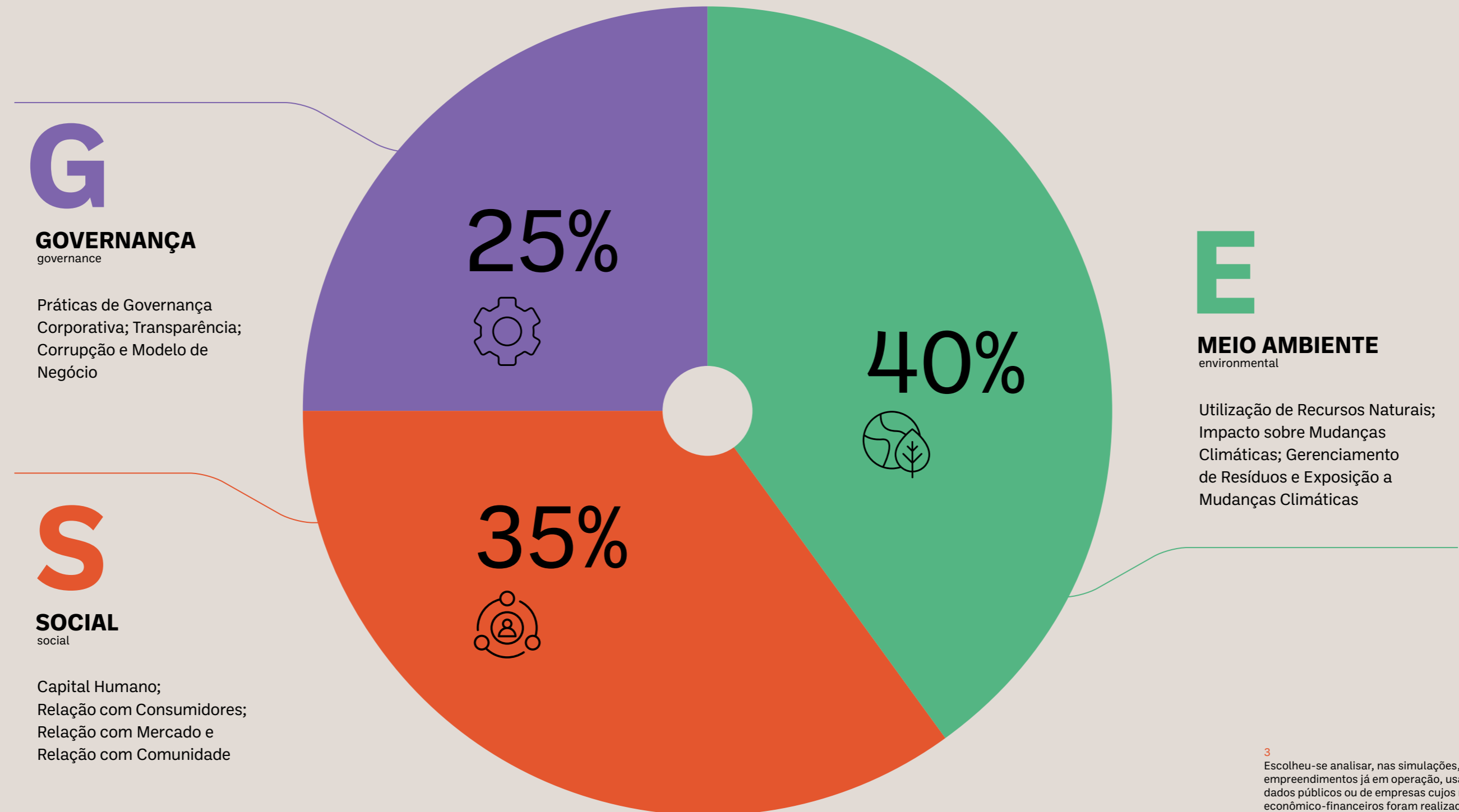
Para exemplificar a aplicabilidade do RATING ESG, foram feitas simulações para quatro subsetores do setor de geração de energia

1. Geração de energia hidroelétrica (UHEs), com recorte naquelas situadas na Amazônia;
2. Geração de energia termelétrica (UTEs), diferenciando as usinas a óleo e a gás;
3. Geração de energia eólica;
4. Geração de energia fotovoltaica (UFVs), essas duas últimas com recorte na Região Nordeste.



II. Os valores de ESG

NÍVEL 1 Agrupados progressivamente, por afinidade, os indicadores formam três subgrupos: E (meio ambiente), S (social) e G (governança). No cálculo final, os dois primeiros subgrupos recebem peso maior³.
Veja também infográfico das páginas seguintes



³ Escolheu-se analisar, nas simulações, apenas empreendimentos já em operação, usando-se dados públicos ou de empresas cujos modelos econômico-financeiros foram realizados pelos autores do estudo.

INDICADOR

Meio Ambiente

E



NÍVEL 1

40 %
Meio Ambiente
40% do total

NÍVEL 2

37,5 %
Utilização de Recursos Naturais
15% do total

37,5 %
Impacto sobre Mudanças Climáticas
15% do total

20 %
Exposição a Mudanças Climáticas
8% do total

5 %
Gerenciamento de Resíduos
2% do total

NÍVEL 3

30 %
Uso de recursos hídricos
4,5% do total

30 %
Uso de recursos energéticos
4,5% do total

20 % Impacto sobre cobertura vegetal **3% do total**

20 % Impacto sobre biodiversidade **3% do total**

100 %
Emissões de GEE
15% do total

100 %
Vulnerabilidade do negócio a eventos climáticos extremos
8% do total

25 % Poluição da água **0,5% do total**

25 % Poluição do ar **0,5% do total**

25 % Geração de RSU **0,5% do total**

25 % Geração de resíduos tóxicos/perigosos **0,5% do total**

NÍVEL 4 O QUE PRETENDE MEDIR O INDICADOR?

60 % Intensidade de uso do recurso
4,5% do total

20 % Eficiência econômica do uso do recurso **0,9% do total**

20 % Estresse hídrico **0,9% do total**

70 % Intensidade de uso do recurso **3,2% do total**

30 % Eficiência econômica do uso do recurso **1,4% do total**

100 % Intensidade de uso do recurso **3% do total**

100 % Intensidade de uso do recurso **3% do total**

100 % Emissões no Ciclo de Vida **15% do total**

70 % Exposição do empreendimento
5,6% do total

30 % Exposição do setor
2,4% do total

100 % Gestão da qualidade da água **0,5% do total**

35 % Emissões de Nox
0,2% do total

35 % Emissões de Sox
0,2% do total

30 % Emissões de material particulado **0,2% do total**

70 % Intensidade de geração do resíduo
0,4% do total

30 % Gestão de Resíduos sólidos
0,2% do total

70 % Intensidade de geração do resíduo
0,4% do total

30 % Gestão de resíduos tóxicos ou perigosos **0,2% do total**

INDICADOR

S

35%

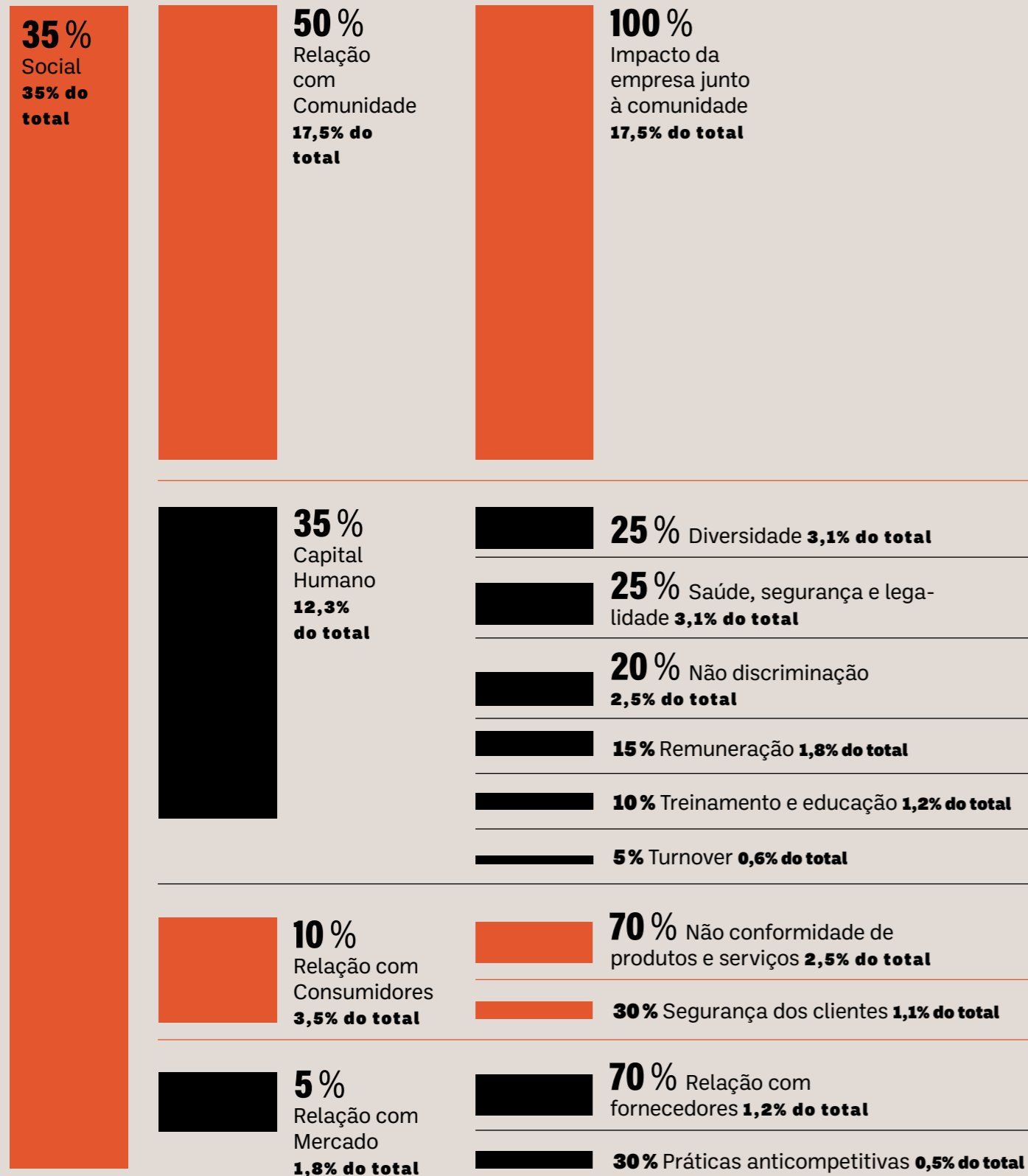


Social

NÍVEL 1

NÍVEL 2

NÍVEL 3



NÍVEL 4 O QUE PRETENDE MEDIR O INDICADOR?



INDICADOR

Governança

G

25%

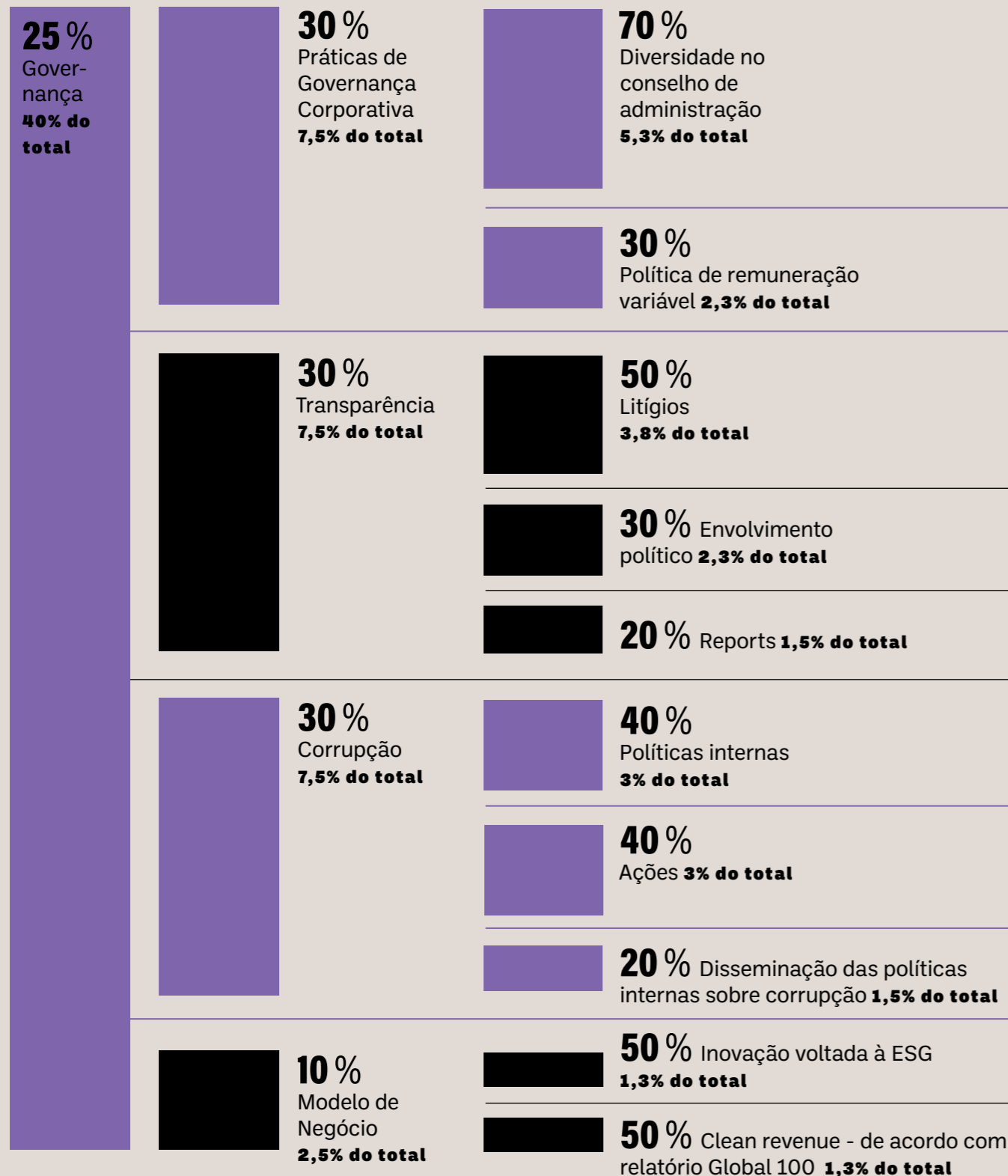


NÍVEL 4 O QUE PRETENDE MEDIR O INDICADOR?

NÍVEL 1

NÍVEL 2

NÍVEL 3



4. Que números e resultados mais importam?



A aplicação do RATING ESG pode direcionar a alocação de recursos na geração de energia de modo compatível com os compromissos internacionais do país no âmbito do enfrentamento global à emergência climática. Serve, ainda, para orientar políticas públicas e otimizar a aplicação de recursos, levando em conta custos ocultos pelas metodologias de análise de risco até hoje aplicadas para esse tipo de investimento.

Decisões recentes no setor comprovam a urgência na mudança do sistema de avaliação. Como exemplo de péssimo caminho a seguir, tem-se a lei de privatização da Eletrobras, que prevê a contratação de um total de 8GW de termicas a gás natural. São 6GW entre 2026 e 2028, com, no mínimo, 70% de inflexibilidade e mais 2 GW entre 2029 e 2030. Além de mais cara, essa fonte é também um desperdício de recursos para o investidor, quando se computam os custos ambientais incorridos – conforme já constatou o estudo [“Como Incluir o Meio Ambiente na Matemática dos Negócios?”](#).

Como esse, há outros maus negócios que devem ser evitados pelos bancos, fundos e outros investidores ao tomar suas decisões de empréstimo ou investimento. Do outro lado da moeda, no entanto, há também os bons negócios disponíveis e ainda pouco explorados ou valorizados, com alto potencial de excelentes retornos em médio e longo prazos. Para facilitar tal distinção, agora existe o RATING ESG.

Realização



Apoio



Estudo idealizado pelo Instituto Escolhas

Número ISBN

978-65-86405-25-5

Como citar

“RATING ESG: o socioambiental vem primeiro”.

São Paulo: Instituto Escolhas, 2022

Coordenação geral

Larissa Rodrigues e Sergio Leitão (Instituto Escolhas)

Coordenação técnica

Luiz Arruda (Prospectiva)

Coordenação editorial

Larissa Rodrigues e Cinthia Sento Sé

Edição de texto

Larissa Rodrigues e Cinthia Sento Sé

Texto preliminar

Sergio Léo

Edição de arte e Capa

Casa Grida

Veja o estudo completo em

escolhas.org/biblioteca/estudos-instituto-escolhas/

ESCOLHAS.ORG

Siga o Instituto Escolhas



Licença Creative Commons

Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição-NãoComercial
4.0 Internacional.